



FORMAÇÃO DOCENTE NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: O CORPO COMO LUGAR DE APRENDIZAGEM

Ilanna Márnea Araújo Chagas ¹
Ana Aparecida Tavares da Silveira ²
Fabyana Soares de Oliveira ³
Ninodja Thaysi Barbalho da Silva Souza ⁴
Sára Maria Pinheiro Peixoto ⁵
Maria Aparecida Dias ⁶

RESUMO

Este trabalho é uma revisão sistemática da literatura sobre o Atendimento Educacional Especializado, a formação docente e o corpo, visando oferecer respaldo acadêmico para uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como objetivo aplicar uma proposta de formação docente com os professores do Atendimento Educacional Especializado da Rede Municipal de Ensino de Natal, tendo o corpo do estudante vinculado à Educação Especial, como lugar de aprendizagem. Metodologicamente optamos como percurso investigativo a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, embasada teoricamente no Atendimento Educacional Especializado, a formação docente e o corpo docente. Trazendo essa discussão sobre o corpo do estudante da educação especial para a formação docente dos professores (as) do Atendimento Educacional Especializado, buscamos em nossa empiria proporcionar a construção de conhecimentos acerca do corpo como lugar de aprendizagem para os professores do AEE, promovendo ressignificação nas práticas pedagógicas desenvolvidas por esses professores junto aos estudantes públicos da educação especial, contribuindo para o seu processo de inclusão.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado, formação docente, corpo.

INTRODUÇÃO

Na educação numa perspectiva inclusiva, a escola é concebida como um lugar para todos, proporcionando ao estudante, em sua diversidade, a participação, interação, movimento,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, ilannamarnea@gmail.com;

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ana.silveira.806@ufrn.edu.br

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, fabyanaoliv@yahoo.com.br

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sarapinho@nei.ufrn.br;

⁵ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, ninodjabarbalho@gmail.com;

⁶ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, cidaufrn@gmail.com.



construção de saberes, e seu desenvolvimento em todos os seus aspectos. Nessa perspectiva, a inclusão escolar é um dos grandes desafios da educação brasileira.

A Política Nacional de Educação Especial numa Perspectiva Inclusiva (BRASIL, 2008) é um grande marco nacional na luta pelo processo de inclusão escolar das pessoas com deficiência, transtorno do espectro do autista e altas habilidades/superdotação, nos traz o serviço da Educação Especial, como uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O Atendimento Educacional Especializado tem a função de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas (BRASIL, 2008). Deve realizar-se no turno inverso ao da classe comum, nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) da escola, de forma complementar e ou suplementar ao estudante público da educação especial, por meio de um trabalho colaborativo com o professor da sala de aula regular.

Na busca por uma consolidação de escolas inclusivas é inadiável mudanças conceituais, atitudinais, pedagógicas na prática docente, o que exige do professor novos saberes e fazeres, construídos no seu processo de formação inicial e continuada.

Assim, a Política Nacional de Educação Especial numa Perspectiva Inclusiva assegura que “para atuar na educação especial, o professor deve ter, como base da sua formação inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos na área” (BRASIL, 2008, p.17), logo o processo formativo do professor torna-se, então, relevante no processo de inclusão dos estudantes da educação especial, em atender a diversidade e suas especificidades.

Nesse processo de inclusão escolar, consideramos a importância da aprendizagem e desenvolvimento vivenciado pelo corpo do estudante público da Educação Especial, atendido no Atendimento Educacional Especializado. Segundo Nóbrega (2016, p.111), “as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar, etc, são produções do sujeito humano que é corpo”. Deste modo, eis um novo desafio, uma educação no corpo, corpo este que nos possibilita experimentar o mundo, interagir com o outro, adquirir novos conhecimentos.

Fundamentada na epistemologia teórica do filósofo Merleau-Ponty (1999) acreditamos que o homem é o seu corpo e o corpo é a condição de sua existência, portanto, pensar em educação é pensar em incluir o corpo, um corpo que pensa, que sente, se emociona, se movimenta, experimenta, se comunica, traz marcas históricas e culturais e se constitui como sujeito.

Este estudo faz parte da pesquisa de mestrado “Dialogando com o corpo no Atendimento Educacional Especializado: uma proposta de formação docente”, desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que tem como objetivo aplicar uma proposta de formação docente com os professores do Atendimento Educacional Especializado da Rede Municipal de Ensino de Natal, tendo o corpo do estudante vinculado à Educação Especial, como lugar de aprendizagem.

Neste artigo, metodologicamente optamos como percurso investigativo a pesquisa bibliográfica embasada teoricamente no Atendimento Educacional Especializado, na formação docente e no corpo, visando oferecer respaldo acadêmico para a pesquisa de mestrado em andamento. Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Realizamos o levantamento de artigos, dissertações e teses em ambientes de pesquisas digitais.

Para sua efetivação, selecionamos como fonte de pesquisa o periódico da CAPES, a Associação Nacional de Pós-Graduação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), o Repositório Institucional da UFRN, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e os Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), estabelecendo como marco temporal o período de 2008 a 2021, uma vez que Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva foi publicada no ano de 2008, marco para a educação inclusiva no Brasil. Nossa busca foi norteadada pelos descritores: Atendimento Educacional Especializado, Atendimento Educacional Especializado e corpo, formação docente e corpo.

Para discussão, analisamos 14 trabalhos entre artigos, dissertações e teses. Nessa análise verificamos que o Atendimento Educacional Especializado é um tema bastante investigado, estando relacionado a inclusão escolar, as políticas educacionais, a tecnologia assistida, ao brincar, a formação docente, entretanto, não havendo relação com o corpo.

Em nossas primeiras análises, organizamos as pesquisas em 02 blocos: Atendimento Educacional Especializado e formação docente e corpo.

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Pensar na educação em uma perspectiva inclusiva exige uma reestruturação atitudinal, pedagógica, comunicacional, física das escolas. Segundo Mantoan (2006, p.54), ensinar na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus

níveis. Nas escolas, o Atendimento Educacional Especializado é referência nesse processo inclusivo.

Na dissertação “Inclusão escolar, sala de recursos multifuncionais e currículo: tecendo aproximações” Flóro (2016) traz um estudo sobre o Atendimento Educacional Especializado dentro das salas de recursos multifuncionais (SRM), tendo como objetivo investigar o embasamento político e pedagógico das orientações curriculares desse atendimento. A partir de suas observações, notou-se que os professores das SRM, privilegiam, no currículo escolar, conteúdos de alfabetização e aqueles impostos como responsabilidade da educação especial, como Libras e Braille.

Fica claro que as SRM ainda priorizam os conteúdos de leitura e escrita, secundarizando as diversas linguagens da criança e do adolescente, entre elas a linguagem do corpo, essencial para sua aprendizagem e desenvolvimento.

Em seu artigo, “Ação pedagógica e educação especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados”, Baptista (2011) tem como objetivo apresentar reflexões acerca da ação pedagógica nos serviços educacionais especializados dirigidos às pessoas com deficiência. Retrata as tendências, as características e os desafios que marcam a oferta de serviços educacionais, assim como a ação dos educadores especializados. Evidencia que a sala de recursos é vista como o espaço de referência para a ação do educador especializado em Educação Especial, fortalecendo o processo de inclusão escolar.

Apesar de apresentar como fundamental a qualificação do espaço, o diálogo com o currículo e a ação pedagógica da sala regular, não aponta a formação docente como relevante no processo de inclusão dos estudantes da educação especial, para atender a diversidade e suas especificidades.

Na pesquisa de mestrado “O Atendimento Educacional Especializado no processo de inclusão escolar, na rede municipal de ensino de Mossoró/RN”, Bedaque (2011) tem como objetivo analisar o Atendimento Educacional Especializado, implantado em 4 escolas de Mossoró/RN, tendo como pressuposto a colaboração entre o professor do AEE e o da sala regular. Sua pesquisa identificou que há uma distinção conceitual entre os professores do AEE e da sala de aula regular, uma educação com base nos princípios da integração, enquanto os outros com concepções mais inclusivas.

A dificuldade de um tempo para ambos os docentes se reunirem para planejarem, trocarem experiência e discutirem concepções acerca da educação inclusiva é um agravante para o processo de inclusão na escola. Conclui expondo sobre a importância do atendimento educacional especializado na escola, porém que é necessário o desenvolvimento de práticas



colaborativas entre os seus professores e a comunidade escolar. Nessas práticas colaborativas que buscam o processo de inclusão escolar, o corpo está presente? Mais uma vez nos questionamos sobre a importância do corpo do estudante público da educação especial na prática desenvolvida no AEE.

Em sua tese “Salas de Recursos Multifuncionais no Brasil: para que e para quem?” Pansini (2018), teve como objetivo geral analisar as funções da sala de recursos multifuncionais no contexto da educação especial brasileira. As questões que nortearam seu trabalho foram a que e a quem serve o atendimento educacional especializado? A partir do discurso textual analisado, a SRM foi criada para contribuir para o fortalecimento do processo de transformação educacional quanto ao processo de inclusão escolar e apoiar os sistemas de ensino na oferta e organização do AEE.

Como resultado da pesquisa conclui que as SRM não estão cumprindo suas funções originais, como formação dos professores do AEE e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do conhecimento e altas habilidades/superdotação, entretanto ampliaram os níveis de escolarização desses sujeitos, permitindo a sua inclusão no mercado de trabalho.

Se não está havendo formação docente para os professores do AEE, como estes conseguem atender as especificidades dos estudantes público da educação especial, tendo em vista que a formação docente vem contemplar as necessidades do professor, de modo a atender a diversidade a partir de suas especificidades, levando-o a pensar e refletir sobre sua prática docente com estudantes público da educação especial, repensando o seu fazer pedagógico, com vista no processo de inclusão e aprendizagem dos seus estudantes e no seu desenvolvimento profissional?

Porto (2014), em sua dissertação “Caracterização do Atendimento Educacional Especializado em sala de recursos multifuncional: um estudo do contexto paranaense” aborda a oferta do Atendimento Educacional Especializado nas Salas de Recursos Multifuncionais em escolas do Estado do Paraná. Seu objetivo é caracterizar esse serviço de apoio especializado, organizado na rede estadual de ensino, de um município do norte do estado do Paraná.

Apesar dos avanços apresentados pelos sujeitos da pesquisa com relação ao processo de inclusão a partir dos atendimentos realizados na SRM, Porto aponta que é preciso reorganizar o serviço de apoio, em sua estrutura física, com a aquisição de materiais didáticos e pedagógicos apropriados, com a valorização do professor especialista, como profissional articulador desse processo e de toda a equipe de profissionais e professores da escola, responsáveis pelo trabalho com os alunos com deficiência.



Ele pontua ações importantes para a organização do serviço, do atendimento educacional especializado, mas não aponta a formação docente como uma dessas ações. A própria Política Nacional de Educação Especial numa Perspectiva Inclusiva assegura a importância da formação docente para o exercício da docência e para o atendimento das especificidades dos estudantes públicos da educação especial.

FORMAÇÃO DOCENTE E CORPO

Mantoan (2006, p.57) nos diz que “a formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino [...]” É necessário discutir sobre a formação docente desses professores, para além da formação inicial, mas a formação continuada, aquela que o professor participa durante a docência, num processo de construção contínua de saberes, considerando a aprendizagem e o desenvolvimento pelo corpo.

Pertile e Rossetto (2015) apresenta em seu artigo “Trabalho e formação docente para o Atendimento Educacional Especializado”, o resultado de pesquisa documental a nível de mestrado sobre o trabalho docente no Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recursos Multifuncionais, as possíveis contribuições da ação pedagógica neste serviço para o processo de escolarização de alunos com deficiência. Os documentos apresentam um cabedal de atribuições a serem desempenhadas pelo professor do AEE, de atividades pedagógicas, organizativas e articuladoras no espaço escolar. Todavia, conclui que as formações são limitadas, tendo em vista a diversidade e as especificidades encontradas no AEE.

É necessário um olhar diferenciado na organização dessas formações, nas formações continuadas deve ser considerado o cotidiano do AEE, a realidade das instituições, o fazer pedagógico e as necessidades do seu professor. É preciso pensar no desenvolvimento integral do estudante, em que o corpo está presente, como um ser em movimento, que pensa, se expressa, interage, cria, aprende.

Lehmkuhl (2015), apresenta em seu artigo “Formação continuada de professores na área de educação especial”, parte de sua pesquisa de mestrado, analisa a formação continuada de professores na área da Educação Especial proposta pela Fundação Catarinense de Educação Especial- FCEE, no período de 2005 a 2009, investigando quais as vertentes teóricas aparecem de maneira recorrente nestas formações. Ainda investiga documentos e a política da Educação Especial voltada à formação de professores, chegando à conclusão que as propostas não rompem com as vertentes médico-pedagógica e Psicopedagógica presentes historicamente nas

discussões centradas no diagnóstico, nos métodos e técnicas de ensino para os sujeitos da Educação Especial.

Portanto, no período analisado, ainda se observa uma formação docente fundamentada no modelo médico da deficiência. A deficiência necessita de tratamento médico, pois o problema está centrado no sujeito, esse tratamento busca a cura ou redução dos seus impedimentos, a “normalização do sujeito”, para que através de uma reabilitação se adeque a vida em sociedade.

Essa reabilitação está associada à funcionalidade do corpo. A funcionalidade ao movimento do corpo. Esse movimento está associado à concepção de corpo-objeto. Um corpo dócil, disciplinado, produtivo, mecanizado. Essa mecanização é reconhecida a partir da visão cartesiana do filósofo René Descartes (1596-1650), o dualismo de corpo e mente, sendo a mente responsável pelo pensamento e o corpo apenas a matéria, que realiza movimentos mecanizados.

A dissertação “Formação docente em tempos de educação inclusiva: cenários e desafios em uma escola pública” de Silva (2014) aborda a formação docente e o perfil dos professores que lidam com o desafio da educação inclusiva no dia-a-dia de uma escola pública, situada em bairro periférico no município de NATAL/RN. Apresenta que apesar da existência das especificidades na educação do estudante público alvo da educação especial, não se pode manter um modelo formativo voltado apenas para a especialização, mas construir um modelo de formação docente no qual a formação inicial e continuada lide com as diversidades existentes no contexto escolar. Seu objetivo foi investigar concepções de inclusão e de necessidades formativas dos docentes relacionadas à sua atuação com estudantes que são o público alvo da educação especial. Verificou que os professores reconhecem a necessidade de um processo formativo que amplie sua competência para compreender os caminhos do ensinar e do aprender para todos os estudantes.

Oliveira (2020) analisou os aspectos formativos que viabilizam a participação de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física em sua pesquisa de mestrado “Formação continuada em educação física: desafios e possibilidades com alunos que apresentam deficiência na escola regular”, considerando os desafios do professor de educação física em desenvolver uma prática pedagógica na perspectiva inclusiva. Aponta em sua pesquisa a necessidade de repensar o processo formativo do professor, a fim de encontrar possibilidades na formação docente, de modo a valorizar as diferenças individuais dos alunos e ampliar sua participação, aprendizagem e desenvolvimento durante a prática pedagógica.

Mais uma vez, se relata sobre a necessidade do investimento nas formações docentes, contextualizadas a partir da prática diária do professor, instigando o processo ação-reflexão-ação, tendo as práticas corporais como colaborador do processo de inclusão escolar. Ressaltamos a importância de pesquisas que tem o corpo como norteadores de sua investigação. Apesar desta se referir a área de educação física, tem como foco o processo inclusivo dos estudantes com deficiência nessa disciplina.

Em seu artigo, Ehrenberg e Ayoub (2020) apresenta no artigo “Práticas corporais na formação continuada de professoras: sentidos da experiência” parte de sua pesquisa de pós-doutoramento. A partir do curso de extensão Corpo, gesto e criação, os professores tiveram a oportunidade de compreender a dimensão corporal pela experimentação, sensibilização e percepção do seu corpo. Os resultados mostram uma ressignificação nas práticas corporais, a partir da percepção do seu corpo e a compreensão das possibilidades educativas e artísticas da gestualidade, numa educação de corpo inteiro.

O corpo esteve presente como gesto, criação, experimento na sua proposta de formação, sendo envolvido no processo educativo e artístico do professor. No entanto, não abordou o processo inclusivo do corpo com deficiência nesse fazer educacional e artístico.

As autoras Ferreira e Silva (2020) refletem no artigo “Os corpos de professoras e crianças da educação infantil: a formação e suas (im)potências e (fragment)ações”_como o corpo está presente ou não na educação infantil e na formação de professores. Observando o pensamento cartesiano nas escolas, numa compartimentalização do corpo, elas apontam em sua pesquisa que este não é o caminho, mas sim a compressão do ser humano como ser integral e que o processo formativo de seus professores envolva o corpo inteiro, que vivenciando o corpo, integre conhecimento, sensibilidade, percepção e expressão. Constatam que a formação docente reflete diretamente na formação das crianças, enriquecendo e significando as experiências infantis.

Em seu artigo “Formação docente e psicomotricidade em tempos de escola inclusiva: uma leitura com base em Henri Wallon”, Magalhães e Cardoso (2008), teve como objetivo descrever e analisar o processo de formação continuada de um grupo de professores da rede pública de ensino de Fortaleza/CE, que atendiam alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), doravante das interfaces entre psicomotricidade, formação docente e inclusão. O processo de formação docente a partir da psicomotricidade, leva ao docente a ampliar sua compreensão sobre as relações corporeidade – afetividade - aprendizagem das crianças, levando-o a ver no outro, nesse caso alunos com NEE possibilidade a partir de um corpo que pensa, sente e expressa.



Peixoto (2019), estabelece um diálogo entre corpo, criança, deficiência e educação inclusiva. Sua dissertação “O Corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de formação docente na educação infantil” tem como objetivo analisar os efeitos de uma formação continuada, considerando o corpo da criança com e sem deficiência como lugar de aprendizagem. Considera esse corpo enquanto experiência, percepção, sentido e significado.

No decurso do processo formativo buscou desmistificar o corpo deficiente como frágil e incapacitante, seguindo pela concepção de corpo como resultado das interações entre o biológico e o cultural, de suas vivências afetivas, histórias e culturais. Avalia as possibilidades do sujeito, individual e coletivamente, considerando o corpo em seus propósitos, necessidades físicas, afeto, linguagem e aprendizagem. Sua pesquisa apresenta a importância do corpo no processo de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil e da necessidade das formações continuadas para a compreensão desse corpo-sujeito de aprendizagem, trata-se de uma pesquisa que estabelece a formação docente e corpo na infância na sala regular.

Podemos perceber uma aproximação das pesquisas de Peixoto (2019) e Magalhães e Cardoso (2008), quando nos referimos a formação docente do professor do Atendimento Educacional Especializado, tendo o corpo como pressuposto. Ambas apontam o corpo como expressividade, movimento, pensamento e aprendizagem. A partir dessa concepção de corpo a necessidade de estar presente no processo de formação docente. Apesar de não contemplarem o AEE tem como objeto de estudo a inclusão escolar, formação docente e corpo.

Pedroso (2018) tem como objetivo da sua dissertação “Percurso formativo, corpo e processos de criação na formação de um profissional docente” identificar as possibilidades para a formação e autoformação do profissional docente da Educação Básica, amparadas nos estudos do corpo e nos processos criativos em direção a uma Educação Integral desse profissional. Faz uma reflexão sobre o modelo cartesiano que esteve presente nos processos de formação docente, por séculos, privilegiando a mente e desconsiderando um corpo que pensa, reflete, aprende.

O artigo de Guedes (2018) “O corpo nosso de cada dia: corporeidade e formação de professores” é construído no contexto da pesquisa Corpo, arte e natureza: investigando metodologias de formação de professores, que tem como foco a formação inicial de estudantes do curso de pedagogia, visando o conhecimento do seu corpo. Embora retrate a formação inicial com a disciplina “Corpo e Movimento” indica a necessidade, desde a formação inicial de vivenciar as experiências corporais, a auto percepção e a percepção do outro envolvendo a corporeidade, o movimento, ritmos, espaços.



Pedroso e Guedes corroboram com a importância de uma formação docente que contemplem o corpo, envolvendo os processos de formação e autoformação. Entretanto, tem como foco a corporeidade do professor, não do estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do levantamento bibliográfico realizado, percebemos nas diferentes narrativas que o Atendimento Educacional Especializado é um tema abordado em diferentes pesquisas, estando relacionado a inclusão escolar, formação docente, tecnologia assistiva, trabalho colaborativo, práticas pedagógicas na Educação Especial numa perspectiva inclusiva. Destarte, o corpo ainda não está presente nas pesquisas que tem como objeto de estudo o Atendimento Educacional Especializado e a formação docente.

Partindo da premissa que toda aprendizagem se inicia pelo corpo, consideramos fundamental uma educação que considere o corpo, em sua integridade, com sentimentos diferentes, possibilidades diversas, limites, que possui a sua forma e seu tempo de aprendizagem.

A partir da breve análise, observamos que ainda não há pesquisas que contemplem o corpo do estudante público da Educação Especial no AEE. Nesse sentido, como fica a educação pelo corpo no AEE? O corpo é visto como lugar de aprendizagem?

Percebemos a necessidade de formação docente que dialogue com a diversidade e suas especificidades, entendemos que entre elas está a do corpo em movimento, tendo em vista que defendemos que toda aprendizagem se inicia pelo corpo, doravante o corpo como lugar de aprendizagem.

É fundamental uma educação que considere o corpo, o corpo sujeito, em sua unidade, capaz de vivenciar a sua totalidade, um corpo que pensa, que cria, que sente, se expressa, que aprende.

Trazendo essa discussão sobre o corpo do estudante da educação especial para a formação docente dos professores (as) do Atendimento Educacional Especializado da rede municipal de Natal, buscamos em nossa empiria proporcionar a construção de conhecimentos acerca do corpo como lugar de aprendizagem para os professores do AEE, promovendo mudança de práticas pedagógicas desenvolvidas por esses professores junto aos estudantes públicos da educação especial, contribuindo para o seu processo de inclusão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo como lugar de aprendizagem, de apropriação do entorno por parte do sujeito. Uma aprendizagem onde o motor e o perceptivo, o corpo e a consciência compõem um sistema único (NÓBREGA, p.68, 2008). Sendo assim, entendemos o corpo como lugar de aprendizagem, como um corpo que expressa, cria, interage, percebe, dialoga, movimenta, sente, constrói, aprende.

Partindo dessa premissa, o corpo ainda é pouco investigado nas pesquisas que tem como objeto de estudo a formação docente e o Atendimento Educacional Especializado. Quando o corpo do estudante público da educação especial, aquele que é atendido no AEE, é referido nas pesquisas, está relacionado a disciplina de educação física. Este também é explorado na educação infantil, na busca de se trabalhar o sujeito como ser integral. Todavia não encontramos esse corpo no Atendimento Educacional Especializado.

Há a necessidade de explorar o corpo nas formações docentes, os professores especialistas do Atendimento Educacional Especializado precisam conhecê-lo como lugar de aprendizagem e possibilitar uma prática pedagógica em que o estudante por meio do seu corpo, experimente, vivencie interações sociais, afetivas, culturais e cognitivas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial numa perspectiva inclusiva**. Brasília, 2008.
- BAPTISTA, Cláudio Roberto. **Ação pedagógica e educação especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados**. Rev. bras. educ. espec. 17 (spe1), Agosto 2011.
- BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **O atendimento educacional especializado no processo de inclusão escolar, na rede municipal de ensino de Mossoró/RN**. Dissertação de mestrado, UFRN, 2011.
- EHRENBERG, M. C. ., e AYOUB, E..Práticas corporais na formação continuada de professoras: sentidos da experiência. **Educação e Pesquisa**, 46, 1-20 (2020).
- FERREIRA, Michelle Dantas e SILVA, Edilane Oliveira. **Os corpos de professoras e crianças da educação infantil: a formação e suas (im)potências e (fragment)ações**. Revista Arte de Educar, v. 6, n.1 (2020).
- FLÓRO, Lisiane F. Diogo. **Inclusão escolar, sala de recursos multifuncionais e currículo: tecendo aproximações**. Dissertação de mestrado, USP, 2016.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- GUEDES, Adriane Ogeda. O corpo nosso de cada dia: corporeidade e formação de professores. **Revista Teias**, v. 19, n. 52 (2018).



LEHMKUHL, Márcia de Souza. (2015). **Formação continuada de professores na área de educação especial**. 37 Reunião Nacional da ANPED, GT15- Educação especial, 2015.

PEDROSO, Margareth. **Percursos formativos, corpo e processos de criação na formação de um profissional docente**. Dissertação de mestrado, UEC, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação: notas sobre o conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2008.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidades: inspirações Merleau-pontianas**. Natal: IFRN, 2016.

OLIVEIRA, Fabyana de Oliveira. **Formação continuada em educação física: desafios e possibilidades com alunos que apresentam deficiência na escola regular**. Dissertação de mestrado, UFRN, 2020.

PANSINI, Flávia. **Salas de Recursos Multifuncionais no Brasil: para que e para quem?** Tese de doutora, UFAM, 2018.

PORTO, Patricia Padilha. **Caracterização do atendimento educacional especializado em sala de recursos multifuncional: um estudo do contexto paranaense**. Dissertação de mestrado, UEL, 2014.

PEIXOTO, Sára Maria Pinheiro. **O Corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de formação docente na educação infantil**. Dissertação de mestrado, UFRN, 2019.

PERTILE, Eliane B. e ROSSETTO, Elisabeth. Trabalho e formação docente para o atendimento educacional especializado. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. v.10, n.4, out./dez (2015).

SILVA, Josenildo Pereira da. **Formação docente em tempos de educação inclusiva: cenários e desafios em uma escola pública**. Dissertação de mestrado, UFRN, 2014.